

A Tectônica de *Raftes* na Bacia de Benguela - Angola

*Delzio de Lima Machado Jr.*¹; *Francisco Eduardo Gomes da Cruz*¹; *Cecília Cunha Lana*²; *André Francisco Buta Neto*³

¹Petrobras – E&P/EXP; ²Petrobras – CENPES; ³Universidade Agostinho Neto e Ministério da Geologia e Minas de Angola

RESUMO: Os excelentes afloramentos da seção albiana observados na Bacia de Benguela ilustram importante fase tectono-sedimentar ocorrida durante a evolução das bacias marginais do Atlântico Sul. Durante o Albiano, a sedimentação marinha franca com formação de plataformas carbonáticas no sudoeste africano e nas bacias marginais brasileiras, acompanhadas de intensa atividade halocínética, gerou grande profusão de estruturas do tipo *rafte*, afetando a seção carbonática albiana e distribuídas em domínios tectônicos diversos, incluindo as porções emersas desta bacia. A Bacia de Benguela integra o sistema de bacias marginais do litoral angolano e formou-se a partir do Cretáceo Inferior através do rifteamento que afetou toda a margem sudoeste africana, do final do Jurássico até o Albiano. Seu limite norte com a Bacia de Kwanza é o alinhamento vulcânico de Sumbe, de direção 110-290° e o limite sul é a Zona de Falha de Benguela. A leste limita-se pelo embasamento cristalino pré-Cambriano. Na porção submersa, a oeste, a bacia se estende até a transição entre crosta oceânica/continental, próximo à cota batimétrica de 3.000 m, e ao limite de ocorrência do sal alóctone. Tal como as bacias de Santos, Campos, Espírito Santo, Kwanza e Namibe, originou-se com a formação do Atlântico Sul, e segundo diversos autores, associada ao magmatismo da pluma de Tristão da Cunha/Walvis. A maior parte desta bacia está submersa, porém, na porção terrestre, afloram as unidades estratigráficas mais antigas, fato que desperta grande interesse geológico para as bacias da margem atlântica. Apesar de possuir uma estratigrafia e evolução tectônica semelhantes à Bacia de Kwanza, situada à norte, constitui uma unidade tectônica distinta, com arcabouço estrutural próprio. A seção albiana encontrada na Bacia de Benguela é muito semelhante à descrita na literatura para as demais bacias marginais do Atlântico Sul. Apesar da falta de uma correlação cronoestratigráfica detalhada nesta região, é notável a semelhança da litoestratigrafia e dos estilos estruturais presentes em algumas bacias brasileiras tais como Santos, Campos, Espírito Santo e Sergipe. Em Benguela, *grainstones*, *dolomites* e arenitos de plataforma depositaram-se sobre os evaporitos aptianos e registram o início da sedimentação albiana após a fase rifte eocretácea. É o início da sedimentação marinha carbonática/siliciclástica progradante que se formou sobre a seqüência transicional evaporítica, prolongando-se por todo o Albiano durante a fase de subsidência termal. Durante o Albiano, inicia-se a tectônica *rafte* com a movimentação do sal aptiano, que fragmentou a plataforma carbonática previamente formada. Este estágio de desenvolvimento dos *raftes* gerou uma grande quantidade de estruturas do tipo “*cascos de tartaruga*”, com belos exemplos na área submersa, e muito bem representados também pelos os afloramentos em Benguela. Feições similares ocorrem nas porções submersas das bacias de Campos e Espírito Santo. O potencial exploratório da Bacia de Benguela para hidrocarbonetos é ainda incerto, porém, a julgar pela sucessão de seqüências sedimentares favoráveis à presença de petróleo, claras semelhanças tectono-estratigráficas com as bacias brasileiras produtoras e, por representar a extensão sul da prolífica bacia de Kwanza, poderá tornar-se nova área produtora de hidrocarbonetos naquele país.

PALAVRAS CHAVE: Albiano, Carbonatos, Angola